

CLIMA, MEIO AMBIENTE E ELEIÇÕES 2022

PERCEPÇÕES DOS CIDADÃOS DA AMAZÔNIA LEGAL (RESIDENTES NO INTERIOR DOS ESTADOS), MAIO DE 2022

AUTORES

Carolina de Paula
João Feres Jr.

APOIOS

LEGAL

Laboratório de Estudos Geopolíticos da
Amazônia Legal

 serrapilheira



1. INTRODUÇÃO

1.1 OBJETIVOS

A presente pesquisa tem dois objetivos principais:

- (1) mapear as perspectivas, sentimentos, narrativas e argumentos que a população residente no interior dos estados da Amazônia Legal associa à questão do meio ambiente e da mudança climática;
- (2) avaliar as conexões entre tais percepções e a motivação para a escolha do voto em 2022.

Os nove estados da Amazônia Legal (Amazonas, Pará, Tocantins, Roraima, Maranhão, Mato Grosso, Acre, Rondônia e Amapá) concentram várias demandas de natureza ambiental em todos os seus níveis administrativos.

A pesquisa explora, de modo espontâneo, quais os potenciais candidatos que representam o tema – na opinião dos participantes – em cada localidade.

1.3 MÉTODO

- ▶ A pesquisa utilizou a técnica qualitativa de grupos focais online.
- ▶ Os grupos focais são úteis para a exploração de temas sensíveis e difíceis de serem abordados em um questionário estruturado. Eles permitem que os participantes expressem suas percepções e experiências de maneira relativamente espontânea.
- ▶ Na pesquisa qualitativa não há intenção em mensurar percentuais de frequência. A técnica permite que os participantes conversem entre si, e não apenas respondam às questões do moderador/condutor do grupo. Nos grupos focais temas são levantados e aprofundados. O objetivo final não é produzir consenso entre os participantes, mas capturar a diversidade de opiniões e pontos de vista sobre temas de interesse.
- ▶ O recrutamento dos participantes em cada cidade foi feito por empresas especializadas e a moderação dos grupos ficou a cargo de especialista no emprego dessa técnica.

1.4 PERFIL DOS GRUPOS

- ▶ Para a determinação dos perfis demográficos dos grupos, partimos de tradicionais variáveis socioeconômicas dos estudos de opinião pública, a saber: sexo, renda, idade, local de residência.
- ▶ A distribuição geográfica dos grupos cobriu o interior (duas cidades) dos nove estados da Amazônia Legal (Amazonas, Pará, Tocantins, Roraima, Maranhão, Mato Grosso, Acre, Rondônia e Amapá)
- ▶ Todos os grupos foram mistos, isto é, compostos por homens e mulheres.
- ▶ Foram realizados 9 grupos focais online, com duração média de 1h15 cada.
- ▶ Em média tivemos 8 participantes por grupo.
- ▶ Os grupos foram realizados entre os dias 23 e 30 de maio de 2022.

1.4 PERFIL DOS GRUPOS

GRUPO	CIDADE	ESTADO	SEXO	IDADE	ESCOLARIDADE*	CLASSE
1	Altamira/Breves	Pará	Misto	Misto	médio	classe C
2	Barra do Garças/Rondonópolis	Mato Grosso	Misto	Misto	médio/superior incompleto	classe C
3	Açailândia/Barra do Corda	Maranhão	Misto	Misto	médio/superior incompleto	classe C
4	Vilhena/Ji-Paraná	Rondônia	Misto	Misto	médio/superior	classe C
5	Tabatinga/Apuí	Amazonas	Misto	Misto	médio/superior	classe C
6	Santana/Oiapoque	Amapá	Misto	Misto	médio/superior incompleto	classe C
7	Gurupi/Araguaína	Tocantins	Misto	Misto	médio/superior incompleto	classe C
8	Cruzeiro do Sul/Sena Madureira	Acre	Misto	Misto	médio/superior incompleto	classe C
9	Rorainópolis/Caracáí	Roraima	Misto	Misto	médio/superior incompleto	classe C

*Todos os grupos tiveram o largo predomínio de pessoas com o Ensino Médio Completo. Contudo, havia pessoas com outras escolaridades (superior incompleto e completo), o que não comprometeu o resultado geral da pesquisa.

2. PERCEPÇÕES SOBRE A VIDA ATUAL

2. PERCEPÇÕES SOBRE A VIDA ATUAL

Em todas as cidades do interior dos estados pesquisados foi generalizado o sentimento de deterioração da situação financeira causada pela pandemia, seja relativa à própria vida – desemprego ou queda de renda – seja à de familiares e amigos. A inflação é sentida no dia-a-dia. Foram recorrentes as menções ao aumento do preço dos alimentos essenciais (arroz, carne, óleo) e também dos combustíveis. Existe a percepção de que os moradores do interior sofrem mais do que aqueles residentes nas capitais, especialmente pela falta de oportunidades de emprego e a má qualidade da educação pública, além da maior dificuldade de acesso a produtos, o que onera o consumidor final.

O auxílio emergencial teria promovido um período de relativo conforto da situação financeira. Contudo, após o fim do mesmo e a expressiva diminuição do valor (do agora Auxílio Brasil) relatam que os empregos não são suficientes para contornar o problema, avaliam que falta dinheiro nas cidades.

“Na pandemia ainda tinha o auxílio emergencial. Mas como terminou o auxílio, ficou muito difícil. Eu tive que fazer uma cirurgia de rompimento de veias. E os alimentos estão muito mais caros que no tempo da pandemia. A gente não pode reclamar muito, a gente vive a vida como pode. Tira um pouco daqui, um pouco dali.”
(Vilhena/Ji-Paraná, Rondônia)

“Acho que as coisas estão difíceis pra todo mundo no Brasil, mas acho que aqui pro Acre ela se torna mais difícil, devido ao acesso, que é muito restrito. É muito longe e acaba que as coisas sempre ficam um pouco mais caras, mais difíceis de chegar, não temos muitas variedades de produtos ou serviços, então pra cá ainda é sempre um pouco mais difícil.”
(Cruzeiro do Sul/Sena Madureira, Acre)

2. PERCEPÇÕES SOBRE A VIDA ATUAL

Sobre os principais problemas do Brasil de hoje, foram citados, na ordem (número de menções): economia, saúde, infraestrutura (saneamento, asfalto e transporte), educação, segurança. A visão de futuro é tendencialmente negativa, exceto pela forte religiosidade de alguns participantes, que os conduz a pensar que “Deus sempre proverá o melhor”. De modo geral não veem com otimismo a recuperação da economia. A educação é assunto preocupante entre aqueles que possuem filhos em idade escolar, pois observam grave atraso no ensino.

A saúde sempre foi precária nas cidades que residem, mas avaliam que houve piora nos últimos 2 anos, em aspectos básicos, como a distribuição de remédios elementares e consultas.

“Do Brasil com certeza a saúde. As pessoas tem até medo de serem atendidas nos hospitais. Eu acredito que o principal é a saúde, fora a inflação que está altíssima. Eu como artesã senti muito o preço das coisas e eu tive que repassar para os meus clientes, não teve como. O material que eu comprava de 13 reais, hoje em dia eu compro por 42 reais. A saúde e a inflação, tá muito precário no Brasil inteiro né.”

(Rorainópolis/Caracaí, Roraima)

“Nossa cidade é muito pequena e a economia gira em torno da prefeitura. Com a pandemia afetou muito mais por que a principal renda aqui vem da prefeitura e de trabalhos autônomos”

(Altamira/Breves, Pará)

3. CLIMA, MEIO AMBIENTE E ELEIÇÕES

3.1 DESMATAMENTO NA REGIÃO AMAZÔNICA E AQUECIMENTO GLOBAL

P11

A temática ambiental não surgiu espontaneamente quando foram discutidas as preocupações e prioridades para o Brasil (exceto no grupo do Mato Grosso, no qual apareceu o assunto das queimadas). Contudo, ao serem estimulados sobre o assunto, há consenso de que o problema existe, é concreto e muito preocupante. Foram recorrentes as falas sobre a mudança no clima, causando doenças respiratórias. A previsibilidade das estações do ano também foi afetada.

É grande a dificuldade da maioria dos participantes ao falar sobre o assunto, particularmente quando ele enverada por questões técnicas. Alguns relatam um sentimento de “culpa” e vergonha por não entender ou saber mais sobre o tema.

Em algumas cidades houve menção à exploração contínua dos recursos naturais. Em Breves (PA) a histórica exploração predatória da madeira promoveu o debate sobre o avanço econômico e a destruição ambiental. O garimpo, no grupo do Amapá (Oiapoque) também foi assunto.

“Eu me preocupo demais. Aqui em Rondonópolis, pelo menos um bairro onde eu moro. Moro próximo de 2 aldeias indígenas. Você não tem noção, na época das queimadas, o que vira de fumaça aqui nesse bairro. Chega a ser preocupante. Se você não tiver uma modificadora de ar é difícil dormir. O índio era para cuidar da mata e cuidar da Floresta. Eles são os primeiros a tacar fogo.”

(Barra do Garças/Rondonópolis, Mato Grosso)

“O desmatamento acaba impactando no clima mesmo. Aqui em Rondônia o clima no verão fica muito seco, muitas doenças respiratórias, muitas queimadas. A gente não sabe quando a gente está entrando no verão, ou no inverno, pois o clima oscila todo o tempo. O pior mesmo é no verão com o clima seco. Aumenta as doenças respiratórias. Meu filho tem asma.”

(Vilhena/Ji-Paraná, Rondônia)

3.1 DESMATAMENTO NA REGIÃO AMAZÔNICA E AQUECIMENTO GLOBAL - CITAÇÕES

“Eu sei que é muito importante pensar no meio ambiente, mas confesso que sou um pouco falha nisso, porque não busco muito o assunto. Sei que é importante ter consciência de não piorar aquilo que já não é bom, mas te dizer o que devemos fazer além do básico, não sei falar ao certo o que precisa fazer que seja a coisa chave para melhorar.”

(Gurupi/Araguaína, Tocantins)

“A agricultura familiar aqui no estado é muito expressiva. A gente não tem grandes produtores rurais, o manejo do açaí, as frutas regionais. O agricultor familiar não pratica essa queimada. Nós temos problemas crônicos aqui no estado do Amapá, que são os garimpos clandestinos que devastam áreas muito grandes.”

(Santana/Oiapoque, Amapá)

“Eu acho que deveria debater muito. Nas escolas, começando pela educação. Que é onde a gente consegue mudar. Temos que estimular as crianças a pensar na natureza. Particularmente a Amazônia, preservar a Amazônia, que é nossa do Brasil.”

(Açailândia/Barra do Corda, Maranhão)

“A gente está tão preocupado com a violência, preço da gasolina e custo de supermercado, que eu acho que a parte de preservação ambiental são só coisas que a gente discute pouco. No dia-a-dia não é algo que a gente esteja preocupado. Tem tanta coisa que a gente já está sobrecarregado, que no dia-a-dia não é algo que todo mundo esteja pensando sobre. A gente quer saber do preço da carne pra fazer churrasco no domingo, a gasolina pra ir pro trabalho e faculdade e se a gente vai conseguir ter uma aposentadoria um dia e chegar seguro em casa após as 21h. Aquecimento global, ecologia, preservação e desmatamento, são coisas que a gente discute porque são pautas, mas não é algo que vem em top 1 da lista do brasileiro não.”

(Cruzeiro do Sul/Sena Madureira, Acre)

3.2 “A AMAZÔNIA NÃO PEGA FOGO” (VÍDEO COM A FALA DE BOLSONARO EM DUBAI)

P13

Os participantes foram estimulados a reagir a discurso de Jair Bolsonaro no qual afirma que não há desmatamento na Amazônia porque floresta úmida não pega fogo. Em todas as cidades e grupos os participantes discordam majoritariamente do presidente, mesmo seus apoiadores. Argumentam que Bolsonaro não conhece minimamente a região para falar algo dessa natureza. Alguns apoiadores, de modo residual, argumentam que a imprensa exagera em noticiar o percentual do desmatamento e que o presidente tem razão quando afirma que a “Amazônia é brasileira”.

“De fato não concordo. A gente que mora na Amazônia vê as queimadas nas épocas mais secas. A gente está mais por dentro do desmatamento. Nesse discurso, nesse trecho em si, ele tentou tampar o sol com a peneira. Ou ele não quer enxergar ou quer esconder para o mundo lá fora.”

(Vilhena/Ji-Paraná, Rondônia)

“Chega a ser cômico a situação do nosso presidente, dá vontade de dizer pra ele vir conhecer a nossa realidade de perto, sem ser de helicóptero. Ele abrir a boca e dizer que a mata não pega fogo, como assim? Além de destruir a natureza, árvores, meio ambiente e pior de tudo, a poluição das águas. As pessoas que consomem essas águas, eu trabalho com índio, os alunos todos desnutridos, por causa dessa poluição desse mercúrio jogado nos rios. Infelizmente o presidente que nós temos abre a boca pra dizer isso.”

(Rorainópolis/Caracaí, Roraima)

A postura do presidente é vista como equivocada e mentirosa. Há incômodo sobre a aparente “falta de conhecimento” de Bolsonaro acerca da região onde moram. Contudo, alguns apoiadores amenizam as falas dizendo se tratar de uma estratégia para atrair investidores e o turismo.

LINK DO VÍDEO:

<https://www.youtube.com/watch?v=zqiTefQi6KM>

3.2 “A AMAZÔNIA NÃO PEGA FOGO” (VÍDEO COM A FALA DE BOLSONARO EM DUBAI) - CITAÇÕES

“O presidente tem que vender o nosso país para que haja turismo, emprego, pra que a economia melhore. Se não tem investimento, não cresce. A fala tá fora do contexto em relação ao vídeo que vimos. Eu acho o nosso país mais preservado. Eu acredito que a mídia exagera em relação ao desmatamento e queimadas. Primeiro que queimada começa com o morador e cidadão que taca fogo lá no seu quintal. Todo mundo faz queimada no Acre, em pequena proporção.”

(Açailândia/Barra do Corda, Maranhão)

“Se a gente for se informar pela mídia hoje, a gente fica doido. Se você fala que 50% da Amazônia está queimando, você vai falar que não o Leonardo DiCaprio? Porque o presidente quis dizer, eu concordo com ele, ele quis passar aqui a imagem que hoje o pessoal da Itália, da França. Os europeus estão de olho na riqueza. O que sustenta o oxigênio do mundo são os oceanos. A gente sabe. Essa imagem que o mundo tem, que o Brasil também tem no fundo da Amazônia. Eu está pegando fogo todo ano. Isso não é bem verdade. São os próprios índios que botam fogo, mas é ritual deles. A gente precisa rever a questão da mídia.”

(Barra do Garças/Rondonópolis, Mato Grosso)

“Bolsonaro tá bastante equivocado, mas a gente vê que ele tá atraindo investidores. Talvez seja uma jogada ou não, mas o discurso dele em si não é condizente, nem verdadeiro. Precisa de política, só que esse é um problema que parte mais das pessoas no particular mesmo. Se todo mundo tivesse consciência, não haveria necessidade de ter tantos políticos falando sobre ações e preservação do meio ambiente. Acho que é um problema da sociedade, começando por reciclar seu próprio lixo e cuidar do seu quintal. Os agropecuaristas também deve fazer sua parte, mas o discurso do Bolsonaro está bastante equivocado né.”

(Gurupi/Araguaína, Tocantins)

3.3 A RESPONSABILIDADE PELA CLIMA E MEIO AMBIENTE

Ao discutirem a responsabilidade diante dos problemas do aquecimento e do meio ambiente é praticamente consensual a opinião de que ela recai sobre todos – cidadãos, políticos e empresas. Entretanto, o discurso mais frequente e enfático foca na responsabilidade individual dos cidadãos, no sentido generalista de que “todos precisam fazer a sua parte”. Já os empresários, especialmente os grandes pecuaristas, são lembrados na sequencia como culpados e responsáveis, devido a sua ganância e ambição.

Chama a atenção a ausência de falas mencionando a necessidade de políticas públicas para o tema. Ou seja, para os participantes a saída não passa pelo Estado.

O único aspecto citado de alguma responsabilização do Estado diz respeito à necessidade de melhorar a “fiscalização” das queimadas e do desmatamento. Somente no grupo de cidades do Maranhão foram identificadas falas responsabilizando o Estado e a necessidade de políticas específicas para o meio ambiente.

“A sociedade civil, acho que tem uma responsabilidade maior. Há uma mobilização dentro da indústria de fazer produtos que agridam menos a natureza. Eu não vou querer comprar um produto que agrida a natureza. Então a indústria se adapta.”

(Altamira/Breves, Pará)

“Obrigação é total do estado. Eles recebem verba para isso. A verba é muito alto, mas muitas vezes a verba não é utilizada para proteger o meio ambiente. Tem muita corrupção. É responsabilidade dos órgãos estatais. O cidadão não pode impedir sozinho alguém que está lá desmatando a natureza.”

(Açailândia/Barra do Corda, Maranhão)

3.3 A RESPONSABILIDADE PELA CLIMA E MEIO AMBIENTE - CITAÇÕES

“Acho que a opinião, o unânime é que todos temos responsabilidade na preservação do nosso planeta. A gente cobra do estado porque a gente paga imposto e a gente quer ver o resultado do imposto. E dá uma buxada na gente. A gente só vê corrupção nos jornais, no fantástico.”

(Altamira/Breves, Pará)

P16

“A responsabilidade da sociedade do modo geral, do poder público, do Senado, da Câmara. Nós temos que combater essas ilegalidades.”

(Tabatinga/Apuí, Amazonas)

“Todo mundo quer levar vantagem. Hoje só querem saber de discutir a opção sexual. Hoje estamos dependendo da Rússia. Nós temos um grande potencial que poderia ser explorado pelos próprios índios, que não têm a oportunidade de explorar o próprio território por conta de políticas públicas que poderia ser voltada para a melhoria da população indígena e brasileira ao mesmo tempo.”

(Barra do Garças/Rondonópolis, Mato Grosso)

“De todos. Cidadãos, poder público, estadual, municipal. Se eu como mãe não conscientizar, ensinar e demonstrar para os meus filhos que eles precisam ter essa consciência do meio ambiente, e educação de cuidar do meio ambiente, eles vão crescer crianças que não tem essa consciência ambiental para o futuro deles e pra gente também.”

(Santana/Oiapoque, Amapá)

3.4 ELEIÇÕES 2022 E A IMPORTÂNCIA DO VOTO

P17

Os participantes, de modo geral, afirmam que perderam a vontade de acompanhar a política. As atenções geralmente se concentram no pleito para o Executivo, estadual e federal. A política eleitoral é considerada chata e desmotivante para a grande maioria. O desânimo com a classe política predomina. Contudo, há quem afirme ser importante prestar a atenção nas promessas dos candidatos e valorize o ato do voto.

“Eu acho que nós temos que pensar todos os meios e todos os anos em política sim, porque a gente tem que começar a se inteirar. Todo mundo reclama que só vem em época de eleição, mas eu como cidadã, durante o mandato, onde eu tô? Eu tenho que ir lá atrás e me mostrar interessada no que tá acontecendo no meu estado e na minha cidade.”

(Rorainópolis/Caracaí, Roraima)

Alguns participantes aproveitam esse momento para “convencer” os demais sobre a necessidade de acompanhar a política e fiscalizar os políticos.

“Eu não procuro saber muito, por enquanto. Eu deixo pra quando eu estiver mais próximo, até porque eu não tem um nome impactante pra gente escolher, tanto pra presidente, quanto pra governador. Eu deixo pra quando estiver mais próximo. Eu procuro ficar menos inteirada, não gosto muito não.”

(Cruzeiro do Sul/Sena Madureira, Acre)

3.4 ELEIÇÕES 2022 E A IMPORTÂNCIA DO VOTO - CITAÇÕES

“Acho que eu sou uma pessoa que detesta política, acompanha política e mesmo detestando, sou o cara que mais discute política. Acho que é aquela frase se correr o bicho pega, se ficar o bicho come. Acho que nessa eleição, mais uma vez, eu acho que não vou ter uma pessoa que eu possa votar. Tenho muita dúvida em relação a política. Em 4 anos que nosso presidente está acho que foi muita conversa pra pouca ação. Eu acho que a gente estagnou, não fomos pra canto nenhum e as coisas só pioraram em todos os sentidos. Eu não sou anti-Bolsonaro, só não gosto da forma como ele lida com as coisas. Ele em vários relatos sempre deixa brechas de coisas, que parece ser só da mente dele. Na minha opinião estamos num beco sem saída. Eu sinceramente tô em cima do muro em relação a isso.”

(Gurupi/Araguaína, Tocantins)

“Primeiramente, eu acho que a questão de política dos votos é uma questão de consciência. O que temos hoje do Brasil? Sua escolhas nossos. Nós temos que ter uma consciência absoluta no momento do voto, porque somos nós que escolhemos nós que colocamos eles lá.”

(Açailândia/Barra do Corda, Maranhão)

“Acredito que como a gente vê as coisas, a gente precisa ter pessoas mais capacitadas, com mais compromissos de fazer um país melhor e ter atitudes melhores para pelo menos acompanhar o que o Brasil necessita né.”

(Gurupi/Araguaína, Tocantins)

3.5 A ESCOLHA DO VOTO E A TEMÁTICA AMBIENTAL

É consenso que a temática ambiental não integra o conjunto de motivações para o voto, independente do cargo em disputa. Os participantes avaliam que o assunto não faz parte das promessas dos candidatos porque “não dá voto”. Na visão dos entrevistados os políticos optam por “temas clássicos” como obras, saúde, segurança e educação. Avaliam que não há oferta de candidaturas com a pauta ambiental. A exceção lembrada foi a ex-ministra Marina Silva (citada apenas no Acre).

Os participantes acreditam que no Brasil a agenda social e econômica são prioritárias, além de temas como infraestrutura, dada a carência da população. O meio ambiente e o clima não são identificados como questões sociais ou econômicas.

“Eu só vejo a Marina na corrida presidencial falar sobre esse assunto é só ela. Eu tenho aqui em Altamira parte da família que é política. Mesmo eu não querendo gostando, eu vou adquirir um pouco de conhecimento. O que o pessoal mais cobra na cidade é aumento de salário, emprego. Saneamento básico.”

(Altamira/Breves, Pará)

“Não falam de meio ambiente, não com a precariedade na saúde, na educação, é muito grande isso, os políticos ficam prometendo melhoras na educação, na saúde, porque é muito precário mesmo. Acaba até da gente esquecendo de cobrar os políticos sobre o meio ambiente nessa época de eleição.”

(Barra do Garças/Rondonópolis, Mato Grosso)

3.5 A ESCOLHA DO VOTO E A TEMÁTICA AMBIENTAL - CITAÇÕES

“Quando começam as eleições é a época que os candidatos começam a querer divulgar uma coisa a mais. Você vê o candidato promover limpeza de lago, colocar peixes na lagoa. A política pública é praticamente zero. Prometem bastante, principalmente numa região que você sabe que é o começo legal da Amazônia. Você vê inúmeros candidatos que só se preocupam no bem-estar na época da campanha. Você não vê o cara fazer um plano de governo. Ele não quer fazer, ele quer ganhar votos. Isso é o pior.”

(Gurupi/Araguaína, Tocantins)

“Eu acredito que a maioria quando vai votar em um político não olha para os critérios ambientais, e sim mais para os critérios sociais e econômicos, pelo menos é o meu caso. Acho que é muito importante, mas não acredito que as pessoas se importem tanto com a ambientação, quanto deveriam se importar.”

(Cruzeiro do Sul/Sena Madureira, Acre)

“Eles não tocam muito no assunto. É uma questão que só vem à tona em período político. A Amazônia queima há anos e ninguém faz nada, mas usa isso para atacar politicamente o gestor atual. Em época eleitoral sempre vem um que garante o saneamento básico, melhoria de água tratada, mas isso nunca acontece.”

(Santana/Oiapoque, Amapá)

“Eu conheço candidatos que se preocupam, mas o que acontece, quando um candidato levanta a bandeira do meio ambiente e sustentabilidade, muitas pessoas desacreditam e até mesmo por ser partidos pequenos e que não tem recursos para concorrer com tanta força financeira, quanto os grandes que estão aí, então muitas das vezes, as pessoas não abrem oportunidade para quem quer fazer a diferença. Muitas das vezes quando o candidato chega para levar as propostas, o eleitor já chega perguntando o que ele tem para oferecer financeiramente, do que para uma proposta para o futuro.”

(Rorainópolis/Caracaí, Roraima)

4. HÁBITOS DE CONSUMO DE INFORMAÇÃO

4. MEIOS DE INFORMAÇÕES E NOTÍCIAS

As redes sociais são as fontes preferidas para a obtenção de informações e notícias sobre o universo da política. Porém, a televisão – especialmente os telejornais – se mantém como fonte de informação para uma significativa parcela dos entrevistados.

Em quase todos os grupos surge espontaneamente menções ao volume de *fake news* nas redes sociais e também é elevada a desconfiança despertada pelo viés (anti-Bolsonaro) da Rede Globo.

Uma estratégia usada pelos participantes ao falarem do alto número de fake News é diversificar o acompanhamento das notícias checando variados sites e emissoras de televisão.

“Eu uso mais as redes sociais para as informações. Eu não confio nas páginas de fofoca. Eu busco as melhores páginas. As que são mais confiáveis? Que tem um público mais qualificado sobre política.”

(Açailândia/Barra do Corda, Maranhão)

“Eu sigo nosso presidente, vejo lives dele. Sigo alguns vereadores de Rondônia. Apesar do governo Bolsonaro estar fazendo tanta besteira, a gente tem que se informar. Eu vejo que muita gente aqui se informa pela Globo, mas a Globo é sensacionalista. Ela é contra... ela usa muita parte para atingir o governo de hoje. Eu acompanho o site da Assembleia Legislativa, notícias no Instagram. Eu vejo algumas notícias na Tv, BAND e CNN, mas a Globo eu não sigo não.”

(Vilhena/Ji-Paraná, Rondônia)

5. VIOLÊNCIA NAS FRONTEIRAS

5. VIOLÊNCIA NAS FRONTEIRAS

Para o conjunto de grupos das cidades do interior foi introduzida uma pergunta relativa à percepção da violência nas fronteiras. De modo generalizado, afirmam que ela sempre existiu na região, e teria ficado mais intensa em algumas localidades. Porém, nas cidades da maioria dos entrevistados não houve percepção de aumento significativo da violência (exceto no Amapá e Roraima).

No Mato Grosso a violência devido ao tráfico de drogas é citada como algo naturalizado que já faz parte da fronteira do estado com a Bolívia.

“Um outro ponto que é bem péssimo que eu esqueci de comentar. Nosso estado não era tão recorrente o tráfico de armas. Vindo da Venezuela pra cá agora, é ridículo as pessoas que são presos aqui com armas de grande porte, que nunca foram vistas aqui. A violência aqui tá ficando surreal.”

(Rorainópolis/Caracaí, Roraima)

“Aqui na fronteira aumentou muito o tráfico humano. Isso é bastante grave aqui na fronteira. Aumentou muito aqui a criminalidade em função do movimento de facções. O tráfico de armas é muito intenso, principalmente na questão pluvial. A polícia e marinha não conseguem fiscalizar, porque a extensão é muito grande.”

(Santana/Oiapoque, Amapá)

6. BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS

6.1 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (TABATINGA/APUÍ- AM)

P26

Nas cidades de Tabatinga/Apuí, os participantes foram estimulados, a partir de um vídeo, a refletir sobre sua identificação com o estado e a região, e sobre as formas que a mesma ocorre. De modo bastante superficial, afirmam que todos que nascem nas cidades da pesquisa se identificam com a natureza e com o modo de vida da região: seria algo “inevitável”. Porém, não apresentam argumentos substantivos de defesa dos povos tradicionais, nem um forte sentimento de comunhão e solidariedade com eles.

“Eu acho que todo mundo que mora na Amazônia tem que ser um pouco ligado. Mas parece que as pessoas não estão nem aí, jogam lixo no Igarapé, poluem. É uma coisa de louco mesmo.”

(Tabatinga/Apuí, Amazonas)

A identidade declarada seria somente na direção de um estilo de vida “mais simples”.

“Sobre os povos indígenas que fazem parte delas, cultura. Acho que todo mundo que mora conhecem, mas só quem vai atrás conhece profundamente. Todo mundo que é do meu círculo social valoriza e respeita bastante. O povo indígena já sofreu bastante.”

(Tabatinga/Apuí, Amazonas)

LINK DO VÍDEO:

https://www.youtube.com/watch?v=Zg_6uD8A6Ks

6.1 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (TABATINGA/APUÍ- AM)

P27

Outro assunto de debate em Tabatinga/Apuí tratou das prioridades para a decisão do voto. Foi consensual entre os participantes a posição de que aspectos da identidade dos candidatos (cor/etnia/nascido na região) não são (ou não devem ser) levados em conta na hora do voto. O que deve contar, segundo essa narrativa, são as propostas e o perfil honesto do candidato.

Existe um traço de desconfiança de que o voto essencialmente pela etnia traria pessoas competentes ao cargo.

“Sobre a etnia, A gente vê muita representatividade. De indígenas se candidatando. A gente sente aquele orgulho. Por ser de uma certa forma representada. A gente sabe que é difícil, A gente vê que chegar lá já é difícil. Mas chega uma certa dúvida do que essa pessoa pode ser capaz de fazer por nós.”

(Tabatinga/Apuí, Amazonas)

“Eu escolho baseado na proposta e no que ele vem fazendo, eu não vou muito pela etnia, não.”

(Tabatinga/Apuí, Amazonas)

6.2 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (ALTAMIRA/BREVES- PA)

F28

Em Altamira/Breves, os participantes foram estimulados, a partir de um vídeo, a refletir sobre a atividade de garimpo ilegal e o comportamento dos parlamentares frente ao tema. Avaliam que a questão é complexa e que se trata de atividade cultural e econômica. Fazem ponderações sobre o uso exploratório e criminoso ao mesmo tempo que levantam o ponto da necessidade de sobrevivência dos moradores que exercem o garimpo.

“É cultural isso. O que a gente percebe muito aqui é a exploração da madeira e tráfico de animal silvestre aqui no Marajó e não há exploração do garimpo do ouro. A gente sabe que isso como é, acontece no Pará, mas não aqui na cidade. O problema é, nos lugares em que tem garimpo, é importante para a economia.”

(Tabatinga/Apuí, Amazonas)

“Eu acho que não existe uma política para isso. Tem muito interesse, envolve muita gente na questão do ouro. Tentam amenizar, mas acabar mesmo não vai não. Muitas vezes é o maior comércio da cidade. Eles não vão querer acabar. É a mais rentável atividade.”

(Tabatinga/Apuí, Amazonas)

Avaliam que é um problema antigo e que dificilmente terá solução.

LINK DO VÍDEO:

<https://www.youtube.com/watch?v=w2NJ3EDaVq8>

6.2 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (ALTAMIRA/BREVES- PA)

P29

Quando estimulados sobre a violência, especialmente ligada ao garimpo, afirmam que conhecem com mais profundidade os temas da cidade que habitam, que seria a violência oriunda de roubos, drogas, ou seja, crimes identificados em qualquer cidade do país.

“Aqui os conflitos são constantes. A violentos assassinatos por terra são constantes. A violência continua na cidade, de roubo e droga, está cada vez pior. A gente não pode nem sair na rua porque não sabe se vai levar um tiro. A gente não sabe falar sobre violência de fronteira porque não vive lá.”

(Tabatinga/Apuí, Amazonas)

Há o sentimento de que as cidades ficaram mais violentas após a pandemia.

“A fiscalização é bem complicada. Não há demanda, não há pessoas suficientes para fazer esse tipo de fiscalização. Eu acredito que não há o interesse das pessoas com poder aquisitivo. Como elas mandam e desmandam, elas mesmo barram essa fiscalização.”

(Tabatinga/Apuí, Amazonas)

6.3 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (GURUPI/ARAGUAÍNA - TO)

P30

Em Gurupi/Araguaína, os participantes foram estimulados, a partir de um vídeo, avaliar as queimadas na Ilha do Bananal. A quase totalidade dos participantes afirma que se trata de um problema causado, em grande medida, pela falta de cuidado da população. O vídeo seria apenas um exemplo, entre tantos outros, de locais que pegam fogo frequentemente na região.

“Eu acho que as pessoas têm que ter em primeiro lugar consciência, porque quem transita na BR não vai jogar pitoco de cigarro né? Residimos num estado muito quente e eu também vi agora nesses dias pra trás uma divulgação de um órgão sobre umas ações que eles tem feito, visitando as fazendas e mobilizando. Eu acredito que precisamos de incentivo da parte dos nossos gestores e consciência da nossa população. Acho que é nesse sentido.”

(Gurupi/Araguaína, Tocantins)

Outro ponto do debate foi a falta de discussão ampliada sobre o tema. O assunto é visto como algo que ganha pouca atenção da mídia e sociedade.

LINK DO VÍDEO:

<https://youtu.be/NF6FlxZ6iPs>

“Esse aí é a Ilha do Bananal, mas tem outras regiões turísticas que a cada dia que passa tá se acabando por causa das queimadas. A grande população também tem culpa porque não ajuda e acaba pesando para um lado. Mas não pode ser assim, tem que ser os dois lados.”

(Gurupi/Araguaína, Tocantins)

6.3 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (GURUPI/ARAGUAÍNA - TO)

Na sequência, os participantes debateram sobre o papel do agronegócio na economia e a preservação do meio ambiente. Avaliam que não há interesse da elite política local na promoção de um desenvolvimento sustentável. O agronegócio teria sempre a prioridade no Tocantins, mesmo comparado a outras atividades econômicas.

Reclamam que falta estímulo para o desenvolvimento industrial na região, o que poderia inclusive gerar mais empregos. Contudo, o agro é o foco das elites políticas e empresariais.

“O que você acha de um estado, onde os governantes não trazem, nem trabalham para trazer indústrias? O Tocantins não têm indústria. Depende do comércio e agropecuária para sobreviver. Já vi rede de supermercado, fábricas e lojas fecharem portas porque o governo não incentiva. O Tocantins não tem isso e não temos governantes para isso, infelizmente.”

(Gurupi/Araguaína, Tocantins)

“A gente sempre teve essas partes da agropecuária, somos conhecidos como a capital do boi gordo, somos cercados por rios. Se aqui não tiver planejamento, nada funciona.”

(Gurupi/Araguaína, Tocantins)

6.4 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (RORAINÓPOLIS/CARACAI, RR)

Em Rorainópolis/Caracaí, os participantes foram estimulados a discutir o tema dos imigrantes venezuelanos no estado e o papel dos políticos, governos e sociedade civil na questão de sua migração. Existe uma percepção de que os imigrantes possuem mais benefícios que a própria população da cidade/estado. Há ressalvas sobre a necessidade de acolhimento e predomina a visão de que as políticas públicas, especialmente na área da saúde e segurança, ficaram sobrecarregadas com a nova demanda, o que acaba por prejudicar os roraimenses. Argumentam que os auxílios sociais, como o antigo bolsa família, também foram remanejados para os venezuelanos, prejudicando a população local.

A chegada dos imigrantes teria aumentado o tráfico de armas, a prostituição e a violência em todas as cidades do estado, especialmente na capital.

“Hoje em dia temos medo de alguém bater no portão, de dar um copo d’água e ser assaltado, porque já aconteceu, no portão da nossa casa, pelos venezuelanos, sem contar a bandidagem. Outro ponto negativo aqui é a questão da prostituição. A gente sai a noite, as ruas cheias de meninas fazendo programa.”

(Rorainópolis/Caracaí, Roraima)

“O roraimense ficou taxado como xenofóbicos, mas não é. Quem vive aqui sabe. Em qualquer lugar do estado que você for, a cidade tem venezuelano. Não tem como você fazer um país inteiro caber no estado. Os venezuelanos são arrogantes, prepotentes. Eles acham que a gente tem obrigação de ajudá-los. Se eles estão vendendo coisa no semáforo, somos obrigados a ajudar. A gente não tem saúde nem pra gente.”

(Rorainópolis/Caracaí, Roraima)

6.4 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (RORAINÓPOLIS/CARACAI, RR)

Os participantes também foram questionados sobre o garimpo em terras indígenas. A maioria acredita que a situação é de resolução impossível, pois envolve muitas pessoas poderosas e com interesse na continuidade desse modelo, inclusive a própria população indígena. Há empatia com as famílias de quem sobrevive dessa atividade econômica.

No que diz respeito ao uso da expressão “amazônida”, os participantes desconheciam o termo. Afirmam que sentem conexão ao estilo de vida “da floresta” e orgulho de serem de Roraima.

“Tem que ser feito urgentemente alguma coisa em cima dos garimpos. Eu vi em primeira pessoa, estando lá dentro. Não vai acabar. Primeiro, corrupção das pessoas que vão lá, o exército e polícia federal me tomaram o ouro que eu trabalhei e garimpei. Eles desceram de helicóptero, quebraram toda a internet, pegaram todos os telefones celulares para não serem filmados e pegaram o ouro. Só dos comerciantes lá dentro, levaram mais de 1kg e meio de ouro. Juntando os trabalhadores com os garimpeiros, não se sabe o quanto levaram. Foi o exército, um delegado da polícia federal com mais dois agentes federais. Aí eu vim pra cidade e fui olhar a notícia, chegaram lá, colocaram 2 venezuelanos que estavam com munição ponto 40 de uso restrito né. Foram os únicos que eles prenderam. Apresentaram a munição, o armamento, mas não apresentaram o ouro. Onde foi parar esse 1kg e meio de ouro? O garimpeiro acaba manipulando os indígenas, pela situação precária. Precisa ser feito algo com urgência. A federação tem que vir em peso. Para acabar com isso vai precisar de um armamento muito pesado e muitas pessoas, ou então, viabilizar de uma maneira sustentável e mesmo assim, ainda vai ter que ter uma fiscalização muito pesada em cima, porque senão, não vai funcionar.”

(Rorainópolis/Caracai, Roraima)

6.5 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (AÇAILÂNDIA/BARRA DO CORDA - MA)

P34

Em Açailândia/Barra do Corda, os participantes foram estimulados, a partir de um vídeo, a discutir sobre incêndios criminosos e assassinato de lideranças do campo. Acreditam que se trata de um problema envolvendo corrupção dos órgãos gestores.

Residualmente há menções ao suposto modo de vida luxuoso dos índios – que seriam donos de caminhonetes Hilux –, e que o interesse dos mesmos seria estritamente financeiro e não a preservação da terra.

Foi mencionado que um problema crônico na região é a ausência de fiscalização do IBAMA e demais órgãos, em ocupações irregulares das terras indígenas. A motivação seria a corrupção.

“É uma questão de corrupção. Tanto dos órgãos de fiscalização como dos próprios índios. Era para ter um cuidado maior. O erro está na falta de uma política adequada do estado. O estado se preocupa com tantos outros fatores. Tem que aumentar as multas, a fiscalização.”

(Açailândia/Barra do Corda, Maranhão)

“Tem muitos lugares que a gente vai na Amazônia, que tem índio andando de Hilux. Porque está ganhando um percentual em cima. Não são todos, mas alguns sim.”

(Açailândia/Barra do Corda, Maranhão)

6.5 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (AÇAILÂNDIA/BARRA DO CORDA - MA)

P35

O segundo vídeo de estímulo mostrou o uso agressivo de agrotóxicos causando doenças severas na população residente em áreas rurais. O sentimento geral é de indignação e solidariedade aos atingidos. Porém, alguns acreditam que o diálogo com os fazendeiros deveria ser a base para a solução do problema.

Há empatia com os atingidos, mas pensam sempre nos demais envolvidos que precisam trabalhar para o desenvolvimento econômico da região.

“Isso é um crime. O que aconteceu contra o meio ambiente contra os seres humanos? Existe o protocolo, só não foi cumprido. Ele sabia o que estava fazendo e sabiam onde estava exercendo esse serviço.”

(Açailândia/Barra do Corda, Maranhão)

“A forma de evitar isso seria entrar em acordo com os fazendeiros. Querendo ou não, se o cara não cuidar da plantação dele perde o lucro. Ele vive disso e outras pessoas também.”

(Açailândia/Barra do Corda, Maranhão)

6.6 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (BARRA DO GARÇAS/RONDONÓPOLIS- MT)

P36

Em Barra do Garças/Rondonópolis, os participantes foram questionados sobre o tratamento dado às populações tradicionais (ribeirinhos, seringueiros, quilombolas) e indígenas. Foi identificada empatia com os mesmos, na visão dos entrevistados tais populações mereciam maior proteção. Vale mencionar que incluem nessa lista os pequenos produtores rurais.

Houve também menção à falta de informação sobre detalhes mais aprofundados do que se passa com as populações tradicionais.

“Infelizmente, são as pessoas que mais sofrem. Eu já fiz serviço social, já visitei as aldeias. Acho que as pessoas não estão preocupadas com a vida deles, nem com a produção deles. Eles só querem crescer, crescer e passar por cima de tudo. Eles querem colocar mais gado, desmatar mais. Só pensa no capital que eles vão ganhar. Infelizmente, os índios e o quilombo estão vendo a reserva deles cada vez menor.”

(Barra do Garças/Rondonópolis, Mato Grosso)

“Infelizmente, isso acontece muito. O grande continua sendo maior e passa por cima do menor. O produtor rural pequenininho sofre.”

(Barra do Garças/Rondonópolis, Mato Grosso)

6.6 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (BARRA DO GARÇAS/RONDONÓPOLIS- MT)

Os participantes também foram instados a falar sobre o modelo de desenvolvimento do Mato Grosso, centrado no agronegócio. Avaliam que todos os envolvidos – fazendeiros, políticos, gestores, fiscais ambientais e até mesmo a população tradicional – lucram com esse modelo atual. Um sistema que preserve o meio ambiente não seria vantajoso para os beneficiados.

A população indígena é vista como culpada por uma parcela dos participantes, mas seriam ao mesmo tempo “vítimas” de pessoas que os induzem a vender suas terras. Seriam facilmente convencidos e “comprados”.

“Aqui em Rondonópolis a gente tem a época da Piracema. Às vezes compram uns índios com o dinheiro ao mesmo com troco de bebida, cachaça para pescar na aldeia deles. Aqui na nossa região, o que mais acontece. Os índios daqui gostam muito de bebida. Eles são comprados por troco de banana. Os índios aprenderam a se vender. O culpado é o estado.”

(Barra do Garças/Rondonópolis, Mato Grosso)

“Essa questão é muito polêmica. Recurso existe para o índio, para o quilombola, o ribeirinho. O problema é que O dinheiro não chega onde deveria. Os governos destinam 1 milhão para projetos de reestruturação dos assentamentos quilombolas. Vai chegar lá 1.000 só.”

(Barra do Garças/Rondonópolis, Mato Grosso)

6.7 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (CRUZEIRO DO SUL/SENA MADUREIRA - AC)

F38

Em Cruzeiro do Sul/Sena Madureira, os participantes avaliaram o agronegócio (produção agrícola) como modelo de desenvolvimento para o estado. De modo predominante, acreditam que esse modelo é favorável aos empresários do setor e não à população. Os pequenos produtores seriam os mais prejudicados.

Também acreditam que o modelo é inviável para a preservação ambiental.

Sentem que o estado não tem tradição agrícola no plantio de culturas como soja e milho, e deveria investir em atividades locais nativas e não uma adaptação a alto custo para cultivar esses grãos.

“Eu tenho pouco conhecimento. Tem pequenos, meio e grande porte de agronegócio. Li em algumas matérias que ele só enriquece poucas pessoas. De fato, ele não garante grandes formas de trabalho. Já ouvi falar também que precisa fortalecer o agronegócio para pequenos produtores, porque gera menos impacto para o meio-ambiente e emprega mais pessoas. Aqui no estado na atual gestão eles tem algumas propostas de desenvolver o agronegócio, mas ainda de fato eu não vi na mídia ações concretas. Tem a questão que causa grandes danos ao solo, a questão do agrotóxico que a gente tá vendo aí, então ele acaba poluindo o solo e a água. Li alguns artigos e vi que é preciso avaliar até que ponto e qual o tipo que tem que ser colocado e adotado em cada estado.”

(Cruzeiro do Sul/Sena Madureira, Acre)

6.7 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (CRUZEIRO DO SUL/SENA MADUREIRA - AC)

P39

Os participantes também foram questionados se a identidade do povo acreano e seu modo de vida é vinculado aos povos tradicionais. Avaliam que processos migratórios descaracterizaram o que um dia foi a “identidade acreana” tradicional. Alguns participantes brincam que o estado seria uma “filial do Ceará”. Há menção de orgulho quando falam do estado e do estilo de vida na região.

A miscigenação também é vista como um aspecto positivo, algo que torna o estado acolhedor.

“Eu acho que essa questão da identidade cultural e regional é muito subjetiva. A gente tem muita coisa parecida com o nordeste em relação a alimentação, a gente ter sido colonizados por nordestinos. Minha mãe é do nordeste.”

(Cruzeiro do Sul/Sena Madureira, Acre)

“Eu acho que o povo do Acre veio misturado de vários povos. Nordestinos, sulistas, gente de fora, indígenas, bolivianos que antes eram os donos da terra, então eu acho que essa mistura e miscigenação veio e trouxe uma característica única. As pessoas são muito acolhedoras, ainda preservam um pouco daquela coisa de cidade do interior. As pessoas são muito comunicativas, recebem bem, são mais calorosas.”

(Cruzeiro do Sul/Sena Madureira, Acre)

6.8 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (VILHENA/JI-PARANÁ – RO)

P40

Em Vilhena/Ji-Paraná, os participantes avaliaram se Rondônia é um estado amazônico ou mais similar aos estados vizinhos da região Centro-Oeste. Foi unânime percepção de que se trata de um estado amazônico, pois tem uma cultura típica do Norte, que pouco se assemelharia ao Centro-Oeste.

“Por causa da biodiversidade é amazônico.”
(Vilhena/Ji-Paraná, Rondônia)

O bioma é mencionado como uma distinção importante do centro oeste.

“Não tem nada a ver com centro oeste, nosso bioma é do norte.”
(Vilhena/Ji-Paraná, Rondônia)

6.8 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (VILHENA/JI-PARANÁ – RO)

R41

Na sequência, foram questionados sobre a mineração e o garimpo em terras indígenas e áreas de preservação ambiental. Há forte segmentação das opiniões. Uma parcela acredita que a atividade é necessária, outra gostaria que houvesse proibição.

Existe consenso, contudo, acerca da inexistência de políticas de fiscalização eficientes para a atividade.

O argumento de que muitos garimpeiros são arrimo de família é bastante forte no grupo. Todos conhecem histórias pessoais de “bons garimpeiros”.

“É uma sobrevivência. As pessoas que trabalham no garimpo estão usando aquele recurso para poder se alimentar, para pagar as contas. Só não acho certo a maneira como eles são cobrados e prejudicados. A polícia vem e mete fogo. Já aconteceu de pessoas morrer nas dragas, pela ação da polícia.”

(Vilhena/Ji-Paraná, Rondônia)

“Acho que deveria ter fiscalização. O rio madeira é muito rico. Mas tem muito mercúrio na água. Muitas espécies de peixe estão morrendo. Tinham que achar uma maneira de tirar o ouro diminuindo o mercúrio.”

(Vilhena/Ji-Paraná, Rondônia)

6.9 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (SANTANA/OIAPOQUE- AP)

R42

Em Santana/Oiapoque os participantes foram estimulados, a partir de um vídeo, a discutir sobre o apagão de energia elétrica que aconteceu em novembro de 2020. Consideram que houve um erro da companhia de energia e governo estadual na gestão da crise.

De modo predominante o governo estadual recebeu as maiores críticas, pois teria condições de resolver o problema mais rapidamente. Senadores e deputados foram responsabilizados na sequência.

O evento foi extremamente marcante para a população, contudo, avaliam que o governo federal não tem relação com o ocorrido (o grupo era amplamente favorável ao presidente).

LINK DO VÍDEO:

https://www.youtube.com/watch?v=-0nK-H9q_8I&t=79s

"Acho que é responsabilidade do governo do estado, porque não tem como o presidente ficar controlando isso. Acho que a culpa foi do governo, deputado e senadores. A falha foi deles."

(Santana/Oiapoque, Amapá)

"Concordo que isso vá acontecer novamente, porque eles só resolveram naquele momento. Hoje se dá uma chuva forte, tem bairros que ficam sem energia por 1, 2 horas. Vai continuar. O governo do estado continua sendo omissos nessa questão."

(Santana/Oiapoque, Amapá)

6.9 BLOCO ESTADUAL: IDENTIDADE E QUESTÕES LOCAIS (SANTANA/OIAPOQUE- AP)

R43

Na sequência, foram questionados sobre o significado de “ser um amazônida”. Somente uma participante já tinha ouvido a expressão. A identidade regional é vista com simpatia, mas não é assumida pela grande maioria dos participantes.

“Pra mim quer dizer integralidade. Aqui no Pará e Amapá, temos uma afinidade cultural muito grande, até na questão do sotaque, da comida típica, da cultura, então pra mim ser amazônica é essa pluralidade. Eu sinto muito orgulho de morar aqui no estado e fazer parte dessa região amazônica. Esse termo amazônida pra mim é muito amplo e nesse sentido de ser daqui mesmo.”

(Santana/Oiapoque, Amapá)

A culinária e a cultura são elencadas como aspectos de distinção do “povo do norte”.

“Acredito que deva ser algo relacionado a floresta amazônica.”

(Santana/Oiapoque, Amapá)

7. CONSIDERAÇÕES TÓPICAS (análise comparativa – grupos focais das capitais)

1. A POLITIZAÇÃO DA TEMÁTICA AMBIENTAL

Na pesquisa qualitativa anterior, realizada nas capitais dos estados, o tema não surgiu espontaneamente quando os participantes foram instados a refletir sobre sua atual condição e os problemas da vida cotidiana. O mesmo aconteceu nessa rodada com participantes do interior.

- ❑ Novamente, assim como foi identificado nas capitais, o tema das queimadas surge como ponte entre o tema ambiental mais amplo, aquecimento global e desmatamento. Persiste uma forte conexão com problemas concretos, como o aumento de problemas respiratórios da população, e principalmente das crianças.
- ❑ Inundações, tema concreto muito frequente citado pelos habitantes das capitais da Amazônia Legal, não aparece no discurso dos moradores do interior, talvez por não sofrerem desse problema em seus municípios.
- ❑ Quando instados a abordar a temática central da pesquisa, muitos mostraram dificuldade de elaborar falas que requerem conhecimentos técnicos complexos. No interior foi identificado ainda um sentimento de “culpa” e vergonha por não entender mais do assunto.

1. A POLITIZAÇÃO DA TEMÁTICA AMBIENTAL

Na pesquisa qualitativa anterior, realizada nas capitais dos estados, o tema não surgiu espontaneamente quando os participantes foram instados a refletir sobre sua atual condição e os problemas da vida cotidiana. O mesmo aconteceu nessa rodada com participantes do interior

- ❑ Na capital e interior, quanto mais concreto o tema relacionado ao meio ambiente, quanto mais próximo da realidade da vida cotidiana das pessoas, maior sua inteligibilidade.
- ❑ O mesmo acontece quando instados a falar sobre aquecimento global, os participantes não manifestaram conhecimento do tema como um todo, mas rapidamente conectaram a expressão à percepção de que as estações do ano estão cada vez mais extremas, particularmente o calor do verão.
- ❑ A percepção de que o clima de região amazônica, que já é tradicionalmente quente, está ainda mais quente, e que isso tem alguma coisa a ver com a questão ambiental, é disseminada. No interior, os entrevistados ainda lamentaram por não conseguirem mais prever as estações do ano, há uma mistura de inverno e verão.

2. SITUAÇÃO COMUNICACIONAL DA QUESTÃO AMBIENTAL

No interior assim como na capital é crescente o uso das redes sociais, mas ainda é forte papel da televisão, e ao mesmo tempo a desconfiança em relação aos meios tradicionais da parte dos simpatizantes de Bolsonaro

- ❑ Registra-se um consumo razoável de mídias locais e regionais em todas as cidades (capital e interior), não somente por meios tradicionais, como TV aberta e rádio, mas também por sites e portais noticiosos. No interior, há ligeiro aumento da desconfiança na mídia tradicional, especialmente na Rede Globo.
- ❑ Tanto na capital quanto no interior é forte a percepção de que a questão ambiental só ganha relevância quando é pautada pela imprensa e que, portanto, atividades como desmatamento, ocupação ilegal de terras indígenas, garimpo, etc., que muitas vezes acontecem em áreas remotas, são frequentemente ignoradas pela população.

3. IDENTIDADE AMAZÔNIDA

Nas capitais o tema foi tratado com certa indiferença, senão resistência, em quase todos os grupos. Já no interior, existe uma simpatia maior pelo assunto, ainda que não haja grande identificação ou conhecimento do termo “amazônida”.

- ❑ Na capital e interior, identidades estaduais se revelaram bem pronunciadas, assim como as municipais, mas não uma identidade regional baseada em um pertencimento comum à Amazônia.
- ❑ Em todos os grupos de ambas as pesquisas, Amazonas é identificado com a floresta, a natureza, a fauna e a flora. Nas capitais, os participantes muitas vezes colocaram-se em um espaço outro, como se a Amazônia fosse a floresta, e eles, por serem urbanos, estivessem fora dela. Já no interior existe o sentimento de distinção no que tange aos “povos da floresta”, mas de modo mais acentuado.
- ❑ Nas capitais a afirmação da identidade urbana, por seu turno, se conecta à rejeição do preconceito por parte de estrangeiros e brasileiros de outras regiões, do qual se sentem vítimas, pois esse preconceito os conecta exatamente aos elementos "naturais" da Amazônia. Nas cidades do interior não existe uma resistência a uma identidade “amazônida”, mas os relatos são bastante superficiais, geralmente na direção da apreciação da “ vida simples na natureza”.

4. POVOS TRADICIONAIS

Nas capitais, os povos tradicionais muitas vezes são tratados no registro narrativo do "eles/nós", ou seja, eles não fariam parte da identidade dos participantes. No interior, esse registro é atenuado, ainda que persista.

- ❑ A percepção dos povos tradicionais da Amazônia, particularmente indígenas e ribeirinhos, parece estar ligada ao complexo identitário descrito no item anterior, que combina as tensões polares do urbano-rural (silvícola) e do norte-sul.
- ❑ O nível de solidariedade com os povos tradicionais manifestada pelos participantes foi em geral bastante baixo nas capitais, nas cidades do interior houve maior empatia.
- ❑ Contudo, seja na capital ou interior, houve acusações contra os indígenas, descritos como privilegiados pelo suposto tratamento preferencial que lhes é dispensado pelo Estado brasileiro.

5. RESPONSABILIDADE PELA CRISE AMBIENTAL

Tanto nas capitais quanto no interior, ao discutirem a responsabilidade diante dos problemas do aquecimento e do meio ambiente, é praticamente consensual a opinião de ela recair sobre todos – cidadãos, políticos e empresas.

- ❑ Entretanto, o discurso mais frequente e enfático foca na responsabilidade individual dos cidadãos, no sentido generalista de que “todos precisam fazer a sua parte”.
- ❑ Já os empresários, especialmente os grandes pecuaristas, são lembrados na sequência como culpados e responsáveis, devido a sua ganância e ambição.
- ❑ Chama a atenção a ausência de falas mencionando a necessidade de políticas públicas para o tema (a exceção foi o grupo do interior do Maranhão). Essa postura extremamente individualista, segundo a qual os problemas são da responsabilidade de cada um, acaba esvaziando o papel do Estado na regulação da questão ambiental.
- ❑ Muitos participantes não diferenciam bem o que seria da responsabilidade individual daquilo que deveria estar a cargo de políticas públicas.
- ❑ Vários creditam o problema ambiental à falta de educação da população e responsabilizam os políticos por não promoverem educação ambiental. No interior, o sentimento de culpa por não entenderem do assunto discutido, faz com que proponham que as escolas assumam um papel mais ativo de ensino do tema.

5. RESPONSABILIDADE PELA CRISE AMBIENTAL

Tanto nas capitais quanto no interior, ao discutirem a responsabilidade diante dos problemas do aquecimento e do meio ambiente, é praticamente consensual a opinião de ela recair sobre todos – cidadãos, políticos e empresas.

- ❑ Alguns poucos de fato citam a necessidade de mais regulação para mitigar problemas como queimadas, garimpo ilegal e desmatamento, mas são minoria.
- ❑ Empresários e latifundiários aparecem frequentemente como vilões da questão ambiental, particularmente no que toca o desmatamento e as queimadas. Por vezes são apresentados também como aliados próximos ou mesmo membros da elite política. Nos grupos do interior foi identificado um sentimento de ponderação sobre os empresários, pelo fato de gerarem empregos.
- ❑ Nas capitais, houve poucas referências à atuação das ONGs na Amazônia, mas todas elas bastante negativas, relacionadas a percepções de que são instrumentos de intervenção internacional em um assunto brasileiro ou mesmo defensoras de interesses econômicos escusos e ilegais. No interior sequer foram citadas.

6. REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DA QUESTÃO AMBIENTAL

As eleições, nas capitais e interior, não despertam grande entusiasmo nos participantes. As atenções geralmente se concentram no pleito para o Executivo, estadual e federal.

- ❑ Em todos os grupos, a política eleitoral é considerada chata e desmotivante pela maioria dos participantes. O desânimo com a classe política predomina. Contudo, há quem afirme ser importante prestar a atenção nas promessas dos candidatos e valorize o ato do voto.
- ❑ Entre as percepções negativas está a de que os cargos políticos são monopolizados por famílias que detém o poder econômico e que, portanto, a política não é nada mais que um jogo entre elites, no qual o povo sempre sai perdendo.
- ❑ A questão ambiental é apenas mais uma faceta desse quadro distópico e, na opinião dos participantes, não é a mais alarmante.

6. REPRESENTAÇÃO POLÍTICA DA QUESTÃO AMBIENTAL

É consenso que a temática ambiental não integra o conjunto de motivações para o voto, independente do cargo em disputa, assim como não é tema identificado como prioritário nas campanhas da maior parte dos candidatos.

- ❑ Em todos os grupos, os participantes avaliam que não há oferta de candidaturas com a pauta ambiental. Na rodada das capitais, exceções lembradas são a ex-ministra Marina Silva (especialmente citada em Rio Branco), o Partido Verde (o deputado Sarney filho citado em São Luís), a senadora Kátia Abreu (citada pela ótica negativa em Palmas) e o senador Randolfe Rodrigues (citado em Macapá). Já no interior somente Marina Silva emerge, no Acre.
- ❑ A explicação por trás desse fato é que esse assunto “não dá voto”. No interior, surgiu o argumento de que a política ambiental não é uma pauta social e econômica, essas sim mais urgentes.
- ❑ Desse modo, na visão dos entrevistados os políticos optam por “temas clássicos” como obras, saúde, segurança e educação.
- ❑ A identidade étnica, seja ela indígena, negra ou ribeirinha não foi citada pelos participantes como um dado de relevância no cálculo de suas preferências eleitorais. As propostas seriam mais relevantes na hora da decisão do voto.

CONCLUSÕES FINAIS

- ❑ Do ponto de vista eleitoral, seja nas capitais ou no interior, a pesquisa aponta para a conclusão de que a temática ambiental terá dificuldade de ser utilizada em campanhas eleitorais se apresentada de modo complexo.
- ❑ Como muitos dos temas da agenda são de natureza complexa e demandam inclusive algum conhecimento técnico, é importante adotar uma linguagem simples e SEMPRE conectar questões ambientais a problemas bastante concretos que afetam a vida cotidiana dos residentes da Amazônia Legal, como calor excessivo, chuvas acima do previsto, inundações, problemas respiratórios causados pela fumaça das queimadas, etc.
- ❑ Não houve forte projeção da divisão politico-ideológica que marca hoje o país no tratamento da questão ambiental, ou seja, a questão ambiental não foi vista pela ótica da oposição entre direita e esquerda.
- ❑ Por outro lado, o presidente é visto como ignorante, mentiroso ou descolado da realidade da região, particularmente no que toca a questão ambiental, pela maioria dos participantes. Somente no grupo do interior do Amapá, o presidente recebeu menções positivas. Na visão daqueles, Bolsonaro disse que a Amazonia está preservada para atrair os investidores internacionais.
- ❑ Em todos os estados e cortes da pesquisa, há uma percepção difusa de que os problemas ambientais estão ligados a assimetrias econômicas, à concentração do poder nas mãos de fazendeiros, empresários e da classe política, mas tal percepção não se traduz explicitamente em adesão política ou ideológica.

CONCLUSÕES FINAIS

- ❑ Questões identitárias que dizem respeito aos povos tradicionais não parecem seduzir os eleitores das grandes cidades. A estratégia para candidatos que pretendem representar esses grupos deve ser a de identificar nichos eleitorais específicos que tenham maior abertura ao tema, por proximidade étnica, geográfica ou ideológica. No interior a empatia é maior, ainda que não afirmem uma identidade marcante, os participantes foram mais receptivos ao assunto.
- ❑ A identidade amazônica mesmo parece ser fraca em praticamente todas as capitais, com exceção de Manaus, Rio Branco e Macapá, ainda que no caso da capital do Amapá essa identidade parece ser mais local, tucuju, do que propriamente pan-amazônica. A expressão “amazônica” também não surge de modo espontâneo nos grupos do interior, mas há uma identificação com o estilo de vida mais simples típico da região Norte. Pode-se dizer que existe apego regional nos grupos do interior, mas não há forte vínculo com a floresta.

